

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ KELLERSMANN, de Berlim

Ramadã

Com fama de liberal e refúgio dos “malditos”, Berlim é a cidade menos religiosa da Alemanha. Isso pode ter causas históricas como o governo tolerante do rei Frederico II da Prússia e as duas ditaduras, o nazismo e o comunismo, que coíbiam as religiões. Sesenta por cento dos 3,4 milhões de habitantes de Berlim dizem não ter religião. Trezentos e dezesseis mil se declaram católicos, 660 mil evangélicos, 12 mil são judeus que frequentam sinagogas e 6.500 são budistas. Uma pesquisa mapeou mais de 250 tipos de religiões, crenças e “visões de mundo”, na tradução literal, sendo praticadas em Berlim.

Destas crenças, a religião islâmica se destaca com uma fatia de quase 10% da população local. A presença muçulmana se torna mais visível na cidade no período do Ramadã. Em bairros com alta densidade de muçulmanos (Kreuzberg, Wedding e Neukölln), as padarias anunciam o *ramazan pidesi* (o pão do Ramadã). Os supermercados turcos têm promoções especiais e distribuem calendários festivos com os horários do nascer e do pôr-do-sol. Tarde da noite, ainda se veem as numerosas famílias circulando, o que não é comum em outras épocas, indo e voltando da casa de parentes.

Estima-se que entre 220 e 300 mil muçulmanos vivem na cidade. Três quartos dos muçulmanos de Berlim são de origem turca. Os demais são de origem árabe, africana, asiática ou alemães convertidos. São 80 mesquitas na cidade.

Estamos na última semana do Ramadã, a festa mais importante do Islã. Comemorada no nono mês do calendário islâmico, ela tem como referência o calendário lunar e por isso acontece em

data diferente a cada ano. O jejum é o componente mais importante do Ramadã. Os muçulmanos não podem ter sexo, fumar, comer ou beber nada, nem água, enquanto houver luz do sol. Acredita-se que através do exercício do autocontrole, possa se desenvolver a gratidão, o aprendizado de valorizar mais aquilo que se possui, a compaixão pelos pobres e ainda o fortalecimento de um vínculo com Deus (Alá). É um momento de reflexão e uma época para aplicar os ensinamentos do Alcorão.

O ritual começa cedo, antes do dia clarear. As mães de família têm um dia a dia bastante movimentado no Ramadã. Com as noites mais curtas nesta época do ano, elas mal têm tempo para dormir, pois é na madrugada que se prepara a primeira refeição do dia, *sohour*. Depois do nascer do sol, quando todos saem de casa, é a hora do silêncio, um momento de descanso, antes de começar os preparativos do *iftar*, a próxima refeição. A temporada do Ramadã se encerra com uma celebração de três dias. É o equivalente ao Natal dos cristãos. As crianças ganham brinquedos, roupas e guloseimas.

A religião islâmica no mundo todo, e isso se reflete em Berlim, tem muitas correntes. Quando perguntei a uma amiga, filha de pais turcos nascidos na Anatólia, sobre o Ramadã, ela respondeu: não faço ideia, nós somos alevitas. Alevitas? Vinte por cento da população da Turquia são alevitas. Somente na Alemanha, eles somam mais de 1 milhão. Em Berlim, de 20 a 25% dos turcos e descendentes são alevitas.

O alevitismo faz parte do Islã. Tem origem nas ramificações surgidas depois da morte do profeta Maomé. Em vez de frequentarem a mesquita, eles se encontram em centros comunitários para rezar, comer, conversar e dançar. Acreditam no Alcorão, mas não seguem as cinco regras da doutrina islâmica. As mulheres, por exemplo, rezam junto com os homens e não cobrem a cabeça.

A prática do Ramadã é uma escolha individual. Canan Çömert nasceu em Istambul e mora há 13 anos em Berlim. Com cabelos loiros, elegante, ela trabalha em um banco e faz parte de uma associação que ensina consciência ecológica em língua turca na Alemanha. Separada há pouco, com dois filhos pequenos, ela diz que exceto quando grávida e amamentando, sempre jejuou no Ramadã. Para ela, não faz diferença se o Ramadã cai nos dias curtos de inverno ou, como agora, nos dias muito longos de verão. Ela simplesmente não sente vontade de comer.

Há t a m b é m muçulmanos que só celebram o Ramadã quando estão em seu país. É o caso de Sedal Sardan, que mudou-se para a Alemanha em 1974, aos 14 anos, e hoje é dono do clube de jazz A-Trane. “Em Berlim, não há tradição, o Ramadã diluiu-se, perdeu o sentido. Celebrar é estar com amigos e familiares, ajudar um ao outro e aqueles que necessitam. É preciso recuperar a beleza do Ramadã, e não praticá-lo como obrigação. Na minha infância, o jeito de celebrar era bem diferente. Não havia internet e nem celular. O Ramadã era a razão para estarmos juntos”, contou Sedal lembrando os tempos de garoto.

Em Berlim há muitos restaurantes e lanchonetes de comida turca. Estes estabelecimentos não fecham por causa do Ramadã. Os funcionários estão acostumados a estarem ali, cozinhando, servindo e sentindo o cheiro da comida sem poder comer. Ninguém para de trabalhar ou deixa de ir à escola. Mas não há dúvida de que se trata de um período especial. Todo dia é dia de uma refeição farta e coletiva depois que o sol se esconde. E mesmo sem ser devoto e ter jejuado o dia inteiro, é possível participar de uma quebra de jejum.

O mês do Ramadã é uma época de encontros e abertura de diálogos. A agenda cultural da cidade oferece concertos, filmes e discussões em torno da cultura muçulmana. Na política, acontecem eventos reunindo representantes da comunidade e chefes políticos. As noites do Ramadã são definitivamente motivo para celebrar. Começam com a quebra do jejum e sempre terminam em festa!

O mês do Ramadã é uma época de encontros e abertura de diálogos